

COLABORADORES

CÉSAR LEAL

Professor de Teoria da Literatura da Universidade Federal de Pernambuco, crítico de poesia e poeta. Laureado em 1970 com o Grande Prêmio de Poesia da Fundação Cultural do Distrito Federal, com o livro de poemas *Jornal do Verão*.

TARCÍZIO QUIRINO

Mestre em Sociologia, cursos de pós-graduação na Alemanha e nos Estados Unidos, onde se encontra atualmente fazendo o doutorado em Ciências Sociais.

SYLVIO LORETO

Professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFPe., doutor em Ciências Jurídicas e Sociais, autor de numerosos estudos sobre sua especialidade.

NELSON NOGUEIRA SALDANHA

Professor da Universidade Federal de Pernambuco, autor de numerosos livros sobre Direito e Ciências Sociais, membro da Academia Pernambucana de Letras.

SYLVIO DE ALBUQUERQUE MARANHÃO

Sociólogo, mestre em Ciências Sociais, encontra-se atualmente nos Estados Unidos fazendo o doutorado em Ciências Sociais.

ITAMAR DE ABREU VASCONCELOS

Professor da Universidade Católica, membro do Conselho Estadual de Educação, no estudo que publica neste número, analisa alguns aspectos da Educação na Califórnia, onde esteve recentemente como bolsista da USAID.

ROMEU PERÉA

Sacerdote católico, professor titular da Universidade Federal de Pernambuco, autor de numerosos livros sobre literatura espanhola e brasileira.

JOEL PONTES

Professor de Literatura Portuguesa do Instituto de Letras da Universidade de Pernambuco, autor de numerosos livros de crítica literária. Durante cinco anos esteve nos Estados Unidos, lecionando literatura brasileira nas Universidades de Austin, New York e Tulane.

Os estudos Literários: sua importância na Universidade Moderna

CÉSAR LEAL

I

O mundo inteiro sofre presentemente o impacto de uma grande revolução: a revolução tecnológica. Novos objetos são a cada dia criados para satisfazer as necessidades materiais da existência. Êsses novos conteúdos, elaborados pelos núcleos mais centrais de uma sociedade em processo de transformação crescente, ampliam a cada momento os horizontes de nossa consciência cultural. Se alguém indagasse que prodigiosa força orienta o sentido dessa revolução, tão ampla em seus objetivos e tão fantástica em seus resultados, creio que somente uma resposta seria possível: a universidade moderna. Ela desenvolveu tanto os seus poderes e tanto aperfeiçoou a organização do trabalho em equipe, que aquilo que a humanidade sempre mais admirou — a criatividade do indivíduo isolado — definha progressivamente, levando o descrédito ao gênio e reduzindo o talento a um conceito meramente acústico, esvaziado de seu conteúdo semântico.

Dentro dessa perspectiva, em que a universidade aparece como a instituição abrangente, que posição devem ocupar os estudos literários? A resposta mais coerente creio que seria aquela que procurasse redefinir as funções das Faculdades de Letras na sociedade contemporânea, para que elas pudessem conscientemente desempenhar a parte que lhes é atribuída na estrutura universitária. Temos de reconhecer, em princípio, que a idéia de uma alta prioridade para o desenvolvimento dos estudos vinculados ao desenvolvimento de programas científicos e tecnológicos, deve ser reinterpretada à luz de novos conhecimentos sobre o estado atual dos estudos humanísticos nas na-

ções mais altamente desenvolvidas. Desgraçadamente, vem se desenvolvendo nos círculos universitários brasileiros a idéia de que os estudos literários são desnecessários em um mundo dominado pela ânsia de crescimento econômico, o qual só pode ser alcançado pela tecnologia, escudada nos poderes quase ilimitados da ciência. Essa mesma idéia adquiriu ênfase nos Estados Unidos no fim da década de 50. Contudo, logo foi denunciada como reacionária e portadora de uma obscurantista visão do mundo, pelos próprios cientistas e tecnólogos norte-americanos, aos quais se somaram também os protestos de humanistas como Howard Jones e Román Jakobson, êste professor de Linguística em Harvard e no Instituto de Tecnologia de Massachusetts.

Levando em conta a onda de protestos contra o exagerado amor pelos estudos e investigações em certas áreas da ciência e da técnica, o govêrno norte-americano ordenou, no início da década de 60, que as humanidades fôssem colocadas no mesmo plano das demais ciências. Professôres, poetas, críticos e linguistas foram contratados em todos os países do mundo e hoje os Estados Unidos são os líderes no campo dos estudos científicos de literatura, tendo como concorrentes unicamente os alemães cuja filologia forma um dos monumentos mais sólidos da cultura do Ocidente.

O que na realidade ocorre não é difícil de ser entendido. Os progressos das ciências da natureza, diferentemente dos avanços nas ciências do espírito, exigem a organização de equipes armadas de instrumentos cada vez mais complexos. Um instituto de ciências tem efetivamente direito a verbas maiores do que um instituto de letras, embora isso não signifique desprezo das autoridades universitárias, pelos estudos humanísticos. Um professor de Física Nuclear, para bombardear o núcleo de certos materiais atômicos, precisa de equipamentos que chegam a custar bilhões de cruzeiros. Já um professor de literatura, para fazer em seu campo o mesmo que faz o físico nuclear, não precisa mais do que uma certa familiarização — como ensina Ernst Robert Curtius — com os métodos e objetos das filologias clássica, latina, medieval e moderna, empregando em suas pesquisas o tempo conveniente. E nisso aprenderá tanto — diz

o grande romanista — que verá com outros olhos as modernas literaturas nacionais”.

Os estudos literários são quase sempre feitos por homens que trabalham isoladamente e, além disso, o seu trabalho não possui utilidade econômica, não contribui para o enriquecimento social. Daí o silêncio sôbre as chamadas ciências do espírito, entre as quais eu coloco aqui a “Ciência da Literatura”. Contudo, a idéia de que os estudos literários têm hoje pouca importância, porque a humanidade estaria mais interessada na produção de bens de consumo, não corresponde ao verdadeiro sentido que orienta a política dos governos mais preocupados com o seu desenvolvimento. Ela poderá encontrar acolhida entre técnicos com grande influência nas decisões governamentais, indivíduos portadores de uma visão demasiadamente estreita sôbre os problemas centrais da cultura. Mas tais obstáculos podem ser removidos, quando na cúpula das universidades se encontram humanistas, ou seja homens capazes de determinar com segurança e sabedoria o uso das artes e das ciências. Contudo, tais objetivos não poderão ser alcançados se os professôres de língua e literatura não se mostrarem interessados em ocupar as funções que lhes são delegadas pela universidade moderna. É necessário que alguém tome a si a tarefa de mostrar o que significa para a cultura ocidental a epopeia homérica, a tragédia grega, a épica latina, os poemas épicos medievais, a cultura do Renascimento, a poesia neo-clássica francesa, o barroco, o arcadismo, o movimento romântico, a modernidade com sua inumerável gama de estilos, conceitos, formas, estruturas e padrões.

Sendo a literatura uma arte, produto da atividade gratuita do espírito, muitos julgam que ela não deve ser objeto de análise de investigação, de conhecimento. Eis um tipo de afirmativa muito frequente entre leitores e até professôres de literatura que sempre viveram em determinados contextos, onde é fraca ou inexistente a atividade teórica, faltando à crítica uma tradição de experiências analíticas particulares.

A literatura é uma arte, mas não se pode considerar simplesmente como uma arte o ensino ou o estudo da literatura.

Alguns, como René Wellek, admitem que o estudo da literatura seja uma forma de conhecimento, ainda que não propriamente uma ciência. Em alguns países, os estudos lingüísticos e literários são encarados com espírito verdadeiramente científico. Como exemplo, podemos lembrar a erudição e a filologia na Universidade alemã, a crítica de poesia, na Inglaterra, a literatura comparada e a explicação de textos, na França, a estilística na Espanha, ainda que Dámaso Alonso não reivindique para ela um status científico, o estruturalismo, a fonologia e a semântica na Rússia, Checoslováquia e Estados Unidos. Hoje não é pequena a relação dos lingüistas, críticos, historiadores literários, romanistas e poetas que lutam pela sistematização de uma ciência capaz de encarar o texto de um poema ou de uma novela como um complexo corpo de estratos cuja vida íntima deve ser investigada.

Mas tais estudos, pela própria complexidade de sua natureza, não podem ser feitos senão na universidade, que é hoje o único lugar onde eles podem ser desenvolvidos. E não apenas desenvolvidos, mas promovidos, ampliados e difundidos, transportados para livros, revistas de cultura, gravados em fita magnética e até fotografados. Em uma época da técnica, a sobrevivência dos estudos de letras depende da adesão dos professores de literatura aos métodos de trabalho dos tecnólogos e cientistas.

Nos dias atuais, a missão de um Instituto de Letras não é apenas a de formar professores para os cursos médios. Essa tarefa ainda é de sua atribuição mas representa ou pelo menos deve representar a parcela mínima de suas obrigações, assim como ministrar aulas aos estudantes nos cursos de graduação constitui a tarefa mais elementar a ser realizada por um professor de língua e literatura em uma universidade moderna.

II

Quais os estudos ou pesquisas que um professor de língua ou literatura devia fazer em uma Faculdade ou Instituto de Letras? No Brasil, qualquer que seja o campo a que se dedique um especialista — crítica, filologia, dialetologia, topologia das línguas, semântica, lexicologia, fonética experimental, es-

tilística — encontrará material para mantê-lo sempre ocupado, desde o seu ingresso no Departamento até a aposentadoria compulsória.

Em qualquer desses campos, a investigação produzirá ótimos resultados embora ela não seja mais do que o trabalho preparatório a estudos mais complexos. Como exemplo, poderíamos citar o crítico que se dispuzesse a analisar certos esquemas sonoros da poesia de Cruz e Souza, se antes êle não houvesse assimilado profundos conhecimentos sobre o significado de algumas figuras sonoras, somente conhecidas a partir dos estudos realizados pelos formalistas russos. Por outro lado, observa-se um fenômeno inverso, ou seja a aplicação aos estudos literários de métodos e processos por pessoas que não se armaram de tais conhecimentos da Universidade, único lugar onde sua aquisição seria hoje possível. E o resultado é o uso indiscriminado de métodos que poderão ser válidos em determinado contexto lingüístico, mas não em outros. Como cada língua possui uma fonêmica própria, ou seja o seu próprio sistema de sons, sistema que lhe é peculiar, é natural que os paralelismos de vogais e as afinidades de consoantes, com suas respectivas oposições, sejam também próprios. Não seria possível, a um crítico, por melhor que fôsse, analisar o estrato sonoro da poesia de Carlos Drummond de Andrade servindo-se dos mesmos valores que lhe teriam possibilitado analisar um poema de Paul Claudel ou de Ezra Pound. Por outro lado, não se deve passar à margem de problemas relacionados com as variações dos modelos chamados de "exatidão" que mudam conforme os estilos poéticos, sempre que entram em jôgo o estudo de figuras sonoras como a rima, a anáfora e assonância, além de outras formas mais complexas como a metáfora e o simbolismo sonoros. Os mesmos problemas que se apresentam ao estudioso da literatura, quando submete à análise o estrato sonoro de um poema, também surgem em relação à análise do ritmo, fenômeno diretamente associado à linguagem e seus problemas particulares e gerais. Sobre tais questões há hoje uma bibliografia vastíssima, mas, infelizmente, a contribuição do Brasil é praticamente nula.

Poderíamos argumentar que o volume de estudos sobre o ritmo e o metro, nas principais literaturas do Ocidente, é de tal ordem que já não deixa campo aberto a um crítico ou pro-

fessor interessados nas questões específicas dessas áreas. Tal equívoco resultaria da insuficiência de informações sobre o estado atual dos estudos literários que apontam como incertos os critérios da métrica antiga e propõem novos padrões através dos quais devem ser consideradas as conquistas mais recentes da teorização literária dos formalistas russos, sobretudo no domínio da poesia.

No plano da estilística, nada fizemos até agora que signifique uma contribuição brasileira essencialmente válida a tais estudos. Nossos melhores autores — de Gregório de Matos a Tomaz Antônio Gonzaga e Jorge de Lima a Guimarães Rosa — não foram ainda submetidos a uma reflexão que tivesse por objetivo estabelecer aquela ponte, a que se refere Leo Spitzer, entre a história literária e a lingüística, em que o estudo do estilo faria parte de uma ciência geral das significações a serviço de um sistema significante particular que é a obra poética. Nossa estilística carece de teoria formal. Não passa de mera aplicação aos estudos literários de velhos conceitos da antiga retórica. Descrevemos o estilo como *agradável, maravilhoso, sublime, ático, clássico, neoclássico, barroco, romântico, moderno*. Uma visão atualizada da estilística arquiva tais conceitos e prefere sistemas descritivos baseados em suportes lingüísticos acumulativos e dinâmicos. Assim, toda uma nova classificação dos estilos surge apenas levando-se em conta a relação das palavras com o objeto, das palavras com o sistema geral da linguagem, das palavras com o autor, das palavras com as palavras. Os estudos dessas relações possibilitaram à filologia alemã descrever mais de vinte estilos, abrangendo as mais diferentes épocas e as escolas literárias mais diferentes. Esses estudos só podem ser realizados por professores que disponham de tempo integral para pesquisas nas universidades. Para eles se exige um tipo de comportamento intelectual, definido pelos eruditos norte-americanos como “profissionalização da vida da mente”. Sem essa profissionalização, não se pode melhorar o nível de ensino ou de pesquisa, porque os mestres continuariam obrigados a interessar-se por questões da alçada dos políticos, dos empresários, dos estudantes, dos jogadores de futebol.

Outro problema importante que se apresenta nos estudos do estilo, é saber-se, por exemplo, quais as pesquisas que devem ser feitas, de preferência, pelo estudioso da linguagem. Críticos norte-americanos afirmam que os lingüistas profissionais costumam desatender certo tipo de investigação, enquanto se concentram em outros de menor importância para os estudos interpretativos de romances, peças de teatro, de poemas. A morfologia e a fonologia histórica são apontadas como de muito pouca significação para estudiosos da literatura. Contudo, alguns ensaios têm sido escritos a partir dessas disciplinas quando se tem em vista a história da métrica, da rima e das questões vinculadas à pronúncia de certas palavras que aparecem no texto de uma composição poética antiga. Se a fonética histórica e a morfologia são consideradas de pouco interesse para os estudos literários — segundo René Wellek — já não podemos dizer o mesmo da lexicologia, “estudo dos significados e de suas transformações”.

Sob esse aspecto, é interessante observar que muitos autores recomendam aos estudiosos o uso constante dos bons dicionários. Os bons léxicos, que trazem, inclusive, anotações sobre a etimologia das palavras, ajudaram o crítico a “compreender cabalmente o vocabulário latinizado de Milton ou as construções verbais tão teutônicas de Hopkins” — afirma René Wellek.

Por outro lado, presentemente se dá grande importância ao estudo dos fonemas. Estudos dessa natureza podem ser feitos, embora com outros objetivos, no Instituto de Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Temos aqui dois mestres em lingüística pela Universidade de Michigan: os professores Edileuza Dourado e Humberto Novelino. O professor Humberto Novelino apresentou, recentemente, ao Departamento de Lingüística, Filologia e Teoria da Literatura, um plano de pesquisa em que se propõe a fazer uma análise lingüística do português do Recife.

Aparentemente, estudos como esse não teriam uma aplicação imediata aos estudos literários. Mas eles contribuem decisivamente como auxiliares de outros estudos, tais como o le-

vantamento da gramática de uma obra literária que será objeto de contraste e apreciação para efeitos de história lingüística, ou como testemunho de desvios normativos entre língua e fala.

III

Os estudos enumerados até agora representam apenas o mínimo que se pode fazer em uma Faculdade de Letras. Acredito que a instalação de cursos para estudos pós-graduados, com o objetivo de formar eruditos em literatura, criará condições para o desenvolvimento da crítica literária com todo um elenco de disciplinas afins, tais como a estilística, a semântica e a semiótica, a dialetologia e a fonética, além de pesquisas que poderão enriquecer o nosso conhecimento sobre migração dos temas e a influência do "romancero" hispânico na poesia brasileira dos séculos XVII e XX. O funcionamento dos cursos de pós-graduação obrigará o estudante, sob a orientação dos professores, a elaborar teses que tratem, especificamente, de temas centrais de nossa poesia, do nosso teatro, de toda a nossa ficção de natureza épica ou dramática.

A reforma universitária estabeleceu que a validade de um diploma a ser conferido por curso pós-graduado, depende do seu credenciamento como Centro capacitado a formar eruditos em artes, literatura e ciência. A condição essencial para o credenciamento é encontrar-se o Departamento a que se encontre vinculado o curso com, pelo menos, 40 por cento do pessoal docente em regime de tempo integral. No Instituto de Letras da Universidade Federal de Pernambuco, não há um só de seus professores sob esse regime. E, o que é pior, não há um só professor que se encontre ao menos sob o regime parcial de 24 horas de trabalho por semana. Embora alguns "Quixotes irrefletidos" afirmem que é grande a capacidade ociosa dos professores do Instituto de Letras, a verdade é bem diferente. Muitos docentes aqui são obrigados a ministrar 12 horas de aula por semana, num total de 360 por ano, em classe de 150 alunos, divididos em turmas de 50. Contudo, ainda que o Instituto não conte com docentes em regime de tempo integral, isso não significa que a pós-graduação deixe de ser implantada. O creden-

ciamento do curso não precede, obrigatoriamente, a sua implantação. Basta que exista o Instituto como condição essencial à realização de tais estudos. A tarefa de conseguir os meios para que eles entrem em função não pertence apenas aos professores, aos seus Departamentos e demais órgãos colegiados. Essa tarefa pertence também aos reitores, aos pró-reitores ao Conselho Universitário, a todos, enfim, que assumiram as responsabilidades de implantar e executar a política da Reforma, que exige o desenvolvimento da educação em sentido global e harmonioso.

Eis por que os cursos de pós-graduação devem ser precedidos de ações que signifiquem o ingresso urgente de docentes em regime especial de trabalho. Temos exemplos na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde já funcionam o Mestrado e o Doutorado em Letras, sem que ambos estejam credenciados. O Conselho Federal de Educação jamais iria reconhecer um curso sem verificar antes suas condições de funcionários. Por outro lado, cabe aos órgãos de promoção da Reforma "executar uma política universal sistemática e a longo prazo, assinalando funções específicas e níveis de responsabilidade que lhes faculte realizar sem complicações e sem tardanças e com a diligência exigida o funcionamento e o desenvolvimento da Universidade". (Informe da UNESCO sobre o desenvolvimento do ensino superior na América Latina).

Outra condição exigida para a instalação de cursos de pós-graduação é a existência de professores aptos para treinar estudantes que desejam aprofundar conhecimentos de lingüística, literatura comparada, história literária, dialetologia, fonética histórica e experimental, lexicologia, semântica. Acredito que o corpo docente do Instituto de Letras, apesar da pouca influência que tem nos órgãos de execução da Reforma, é um dos melhores do país. Temos muito mais mestres e doutores, graduados em universidades européias e norte-americanas, (além de autores de trabalhos literários equivalentes à tese de doutoramento extremamente complexa) do que podem imaginar os que se habituaram a não ver as instituições em seu sentido global, mas particular, como se cada universidade fôsse um Império e

cada Instituto ou Faculdade um feudo, a ser defendido com muralhas isolantes.

Um Instituto que possui lingüistas como Humberto Novellino, mestre pela Universidade de Michigan, José Cavalcanti Sá Barreto, doutor pela Universidade Gregoriana de Roma, Edileuza Dourado, mestre pela Universidade de Michigan, Piedade Sá, doutora pela Universidade de Madrid, Geraldo Lapenda, com estudos superiores de lingüística em Roma, autor de um ensaio sôbre a estrutura da língua Iatê, de enorme repercussão para a lingüística geral, Joel Pontes, com cinco anos de experiência nas Universidades norte-americanas, onde lecionou nos cursos de doutorado das Universidades de Austin, Nova Iorque a Tulane, um José Lourenço, com seu gôsto pela filologia, Lucilo Varejão Filho, com dois anos de cursos pós-graduados na Sorbonne, Padre Hans Klein romanista de formação germânica, padre Romeo Peréa, hispanista de larga visão sôbre a literatura européia, além de outros cujos nomes, por brevidade, são omitidos, encontra-se devidamente equipado para as tarefas da Reforma.

IV

A equipe de professôres do Instituto de Letras da Universidade Federal de Pernambuco possui condições intelectuais para fazer do Recife um centro de estudos lingüísticos e literários do mais elevado nível. Para isso torna-se necessário que a Universidade proporcione aos seus docentes meios indispensáveis à melhora da qualidade do ensino e ao aperfeiçoamento contínuo dos métodos exigidos pelos programas de pesquisa e análise no âmbito das humanidades. Alguns, menos informados sôbre a importância da linguagem para o desenvolvimento de um povo e, especialmente, da ciência e da técnica, poderão dizer: "Mas quem seria capaz de dar importância a estudos de língua e literatura numa época em que podemos perfeitamente prescindir de tais conhecimentos?" É claro que muitos não se preocupam com tais problemas pois se houvesse tal preocupação o índice de reprovados em português, nos concursos vestibulares, não seria tão alarmante.

Quando há humanistas nas comissões técnicas das Reitorias, a preocupação em manter elevado o domínio da língua, no âmbito universitário, é realmente muito séria. Pois a linguagem é o principal instrumento de comunicação, informação e transmissão do saber nas escolas, nos institutos, nas faculdades. Quando um professor não domina o seu idioma, temos razão para suspeitar de sua eficiência como docente. Razão tem o grande poeta Ezra Pound quando diz que é muito difícil "fazer as pessoas compreenderem a indignação desinteressada que a decadência da literatura pode provocar em homens que compreendem suas implicações e ao que a ela conduz. Contudo — afirma Pound — "o estadista não pode governar, o cientista não pode revelar suas descobertas, os homens não podem entender-se sem a linguagem; e tôdas as suas ações são influenciadas pelos defeitos e virtudes do idioma".

Quem estuda filosofia da linguagem sabe que muitos cientistas fracassaram simplesmente porque não sabiam comunicar, adequadamente, através da linguagem, os resultados de suas pesquisas. Isso ocorre por uma razão muito simples: quando não se conhece o valor da linguagem, o idioma é inconscientemente usado de forma oposta ao conteúdo daquilo que se deseja transmitir. Uma comunicação ou mensagem mal transmitida não encontra repercussão no espírito de quem a analisa. Claro que o conhecimento apenas da linguagem, o puro conhecimento da gramática não resolve nenhum problema. O conhecimento da língua deve associar-se a um vigoroso domínio das estruturas profundas da linguagem simbólica, daquilo que exige interpretação das camadas de sentido, que incluem a investigação do estilo e o conhecimento da disciplina que o estuda de forma rigorosa: a estilística.

Se os estudos lingüísticos e literários não fôsem básicos para a cultura e o desenvolvimento integral de um povo, se a arte e a literatura não fôsem necessárias, nada mais restaria aos governos do que bani-las dos sistemas de educação. Contudo, o estudo da linguagem e da literatura está ligado à educação desde a mais remota antiguidade, medindo-se a sabedoria e grandeza de um povo pela importância que os seus governantes dão à poesia, às artes plásticas e à música. O século da

grande literatura grega é chamado o século de Péricles; Virgílio e Horácio deram nome a época de Augusto, o teatro elizabetano foi escrito (principalmente) por Shakespeare, e o teatro clássico francês coincide com a corte de Luís XIV.

Hoje, quando algumas autoridades universitárias analisam as reprovações em massa nos vestibulares buscam colocar a culpa no ensino médio, como se os professores do ensino médio não fossem, em sua maioria, portadores de diplomas expedidos pelas Universidades, através dos Institutos, Cursos ou Faculdades de Letras. Mas as Faculdades de Letras não podem preparar bons professores para os cursos médios quando não dispõem de laboratórios de línguas, de professores em regime de tempo integral para dedicação completa às suas tarefas docentes, quando o ensino se restringe, exclusivamente, a cargas horárias, como se a missão de um professor de nível universitário fosse meramente ministrar aulas, como se faz em qualquer colégio do curso médio. No próximo tópico pretendemos demonstrar que o tempo integral é uma disciplina ética, destinada a “profissionalizar a vida da mente”, e não mera obrigação do cumprimento de pesadas cargas horárias, porque se assim fosse, o homem estaria apenas situado no mesmo nível da besta.

V

Nas nações altamente desenvolvidas, só na aparência, os estudos literários e a produção intelectual se encontram sem a proteção dos governos. A idéia de que os Estados Unidos não dão importância às artes e as letras, é falsa, perigosamente falsa, especialmente por que se apoia em um erro de interpretação. No Brasil, essa idéia encontra hoje muitos adeptos, porque somos um país que possui uma imagem irreal daquilo que efetivamente se pode definir ou conceituar como literatura. Todos os brasileiros possuem certas veleidades literárias, mesmo inconscientes, e é isso que os torna péssimos expositores como cientistas, matemáticos, engenheiros, etc. Quando escrevem, enchem sua prosa de um ranço poético, que logo denunciam suas intenções literárias. Disso nasce a idéia de que literatura não exige conhecimentos especiais, mas apenas dom, um dom que

quase todo brasileiro possui pela graça de Deus. A literatura porém, não é isso. A literatura — como as demais manifestações do espírito em todos os planos da cultura — nunca é inteiramente consciente, surgindo, na maioria das vezes, sem o estímulo da ação governamental. Como disse inicialmente, o mesmo não ocorre em relação às ciências e a técnica, porque estas precisam de apoio e organização oficial do mais elevado nível. O grande poeta T. S. Eliot, diz textualmente em seu ensaio sobre a cultura: “O progresso das ciências experimentais requer atualmente um vasto e dispendioso equipamento, e a prática das artes já não conta, em grande escala, com o benefício dos mecenas”.

Essas considerações buscam justificar o engano de algumas autoridades educacionais brasileiras quando julgam que as prioridades concedidas às ciências e as técnicas é porque as artes e a literatura já nada significam. Na realidade, as prioridades são em recursos materiais em meios para a montagem de centros de ciências e de tecnologia. Mas não pode haver prioridade em relação aos recursos humanos. Um professor de literatura e de línguas precisa dispor dos mesmos equipamentos de que dispõe o físico nuclear. Apenas o equipamento do professor de humanidades é diferente e pode custar um milhão de dólares a menos do que o do engenheiro de comunicações que trabalha com computadores altamente sofisticados. A prioridade que as nações desenvolvidas dão à tecnologia e à ciência se refere a recursos financeiros mas não a recursos humanos. Daí o fatal erro, como diria Shelley, daqueles que, no Brasil, afirmam que o tempo integral pode ser concedido a cientistas e tecnólogos mas não ao pesquisador em lingüística ou literatura comparada. O tempo integral não se relaciona também, nem deve relacionar-se, com o número de aulas que o professor é obrigado a dar aos seus alunos. O tempo integral é aplicado com o objetivo de profissionalizar a vida da mente. O tempo integral é uma disciplina profissional que parece cair do céu, como oportunidade, para os que desejam realizar sua alma. Mas o tempo integral também pode ser um castigo para os que apenas desejam ganhar dinheiro e que o temem como o Diabo teme orações.

Os estudos humanísticos contribuem para um maior conhecimento do homem, revelado através da literatura, da linguagem simbólica, do poema, de tudo aquilo que se pode definir como a própria história do espírito humano. São os estudos literários que dão a um povo a oportunidade de fazer com que os outros povos conheçam seus poetas, seus romancistas, seus dramaturgos, a alma de seu povo, enfim. Eles dão a conhecer as novas idéias. O principal veículo para a informação são o livro, a revista de cultura, os congressos nacionais e internacionais. Tôda universidade moderna devia consignar em seus orçamentos verbas específicas para assegurar a participação de seus professôres em reuniões de especialistas e eruditos em literatura. Essas reuniões são mais raras na área das humanidades do que na das ciências e, por isso mesmo, os professôres de língua e literatura não deviam faltar a elas. A falta de compreensão dêsses problemas, a ausência nas reitorias de assessoramento de alto nível em assuntos literários, faz com que reuniões dêsse tipo sejam consideradas pelos Conselhos Financeiros mero turismo e o resultado é a desinformação total dos professôres em relação ao que ocorre nos Congressos em áreas vitais do conhecimento. O grande poeta inglês T. S. Eliot, dizia textualmente: "Sou de opinião que é necessária pelo menos uma reunião por ano dos homens de letras para tornar possível a circulação de idéias enquanto estas ainda estiverem novas. Os editores de revistas, os professôres de literatura, deviam poder conhecer-se pessoalmente, visitar uns aos outros, conversar uns com os outros e trocar idéias de tôda a espécie durante essas conversas, através dessa cooperação, dessa amizade entre homens de letras, tôda a cultura literária se tornaria públicamente conhecida através de obras que não têm significado apenas local, mas também europeu", ou mundial, diríamos nós.

Os estudos literários também representam uma peleja, uma batalha contra a facilidade das aulas. Participando do trabalho do professor, o estudante de letras pode ser melhor conhecido em sua vocação. Por isso, tanto quanto possível, as cargas horárias, geralmente estafantes para o aluno, podiam ser substituídas pelos seminários, pelos ciclos de estudo, pelos debates em tôrno de um problema específico. Como ensina um mes-

tre da pedagogia moderna, o prof. Christopher Jencks, da Universidade de Harvard, "a inovação deve continuar numa base de casos individuais e de certos lugares, valendo-se de alguma combinação particular de professôres que aconteça estar reunida em determinada universidade; em determinado momento. A orientação geral da mudança deveria ser na direção de uma mistura mais elástica de teoria e prática que exigisse dos estudantes uma extensão maior de conhecimentos e recompensasse uma extensão maior de competência". Creio que êste ensinamento de Christopher Jencks é muito importante, tanto quanto aquela outra recomendação que êle fêz, em recente estudo sôbre a formação de eruditos em literatura e ciência nos Estados Unidos, e manda, sumariamente, o professor castigar com a reprovação o aluno desidioso, que gosta que se tome conta dêle como se fôra uma criança mimada.

VI

Todo professor de literatura, ou crítico literário, tem necessidade de modernizar seus conhecimentos. Citaria, como exemplo, a compreensão dos problemas relacionados com a poesia lírica por ser êste um campo de minha mais constante preocupação. Os antigos manuais de poética ensinavam que a poesia lírica era a expressão de sentimentos íntimos. Tal conceito conduzia o estudante de literatura a ver a poesia como reflexo ou expressão de certos estados da alma. A partir do século XVIII, as poéticas foram praticamente abolidas. Lessing estabeleceu que o único princípio normativo válido de composição era a fôrça emocional e logo Kant, na *Crítica do Juízo Estético*, afirmou que o verdadeiro artista trazia dentro de si mesmo as leis de sua arte.

As teorizações posteriores dos simbolistas e seus predecesores, prepararam o campo para a postulação moderna, que recusa o conceito de sentimento no poema e define a poesia como uma aventura do espírito operante, uma fantasia ditatorial que se serve da linguagem para chegar aos extremos limites da criação. Uma poesia assim "construída" deve ser o reflexo do espírito crítico colocado diante de si mesmo. Tal poe-

sia pode recorrer a todos os processos porque goza de liberdade ilimitada. Ao poeta moderno, assim como ao crítico moderno, só o convencionalismo acadêmico deve ser proibido. Um Instituto de Letras, em uma universidade moderna, não pode ser um museu de velharias, onde se conserva a memória de tudo aquilo que a própria cultura busca esquecer. Não se tem o direito, na universidade, de confundir “estudos literários” com “crítica literária”. Estudos literários é disciplina rigorosa, científica, que busca escolher com sabedoria autores para analisar. Não pode um professor responsável ocupar-se de estreatantes. Essa é tarefa para o jornalismo literário, geralmente conhecido como “crítica”. Os estudos literários têm de ser feitos com bases assentadas sobre a ciência da literatura, com seu enorme elenco de disciplinas, a cuja frente se encontra a linguística. Uma Faculdade de Letras cultiva a tradição naquilo que ela tem de vivo, de permanente, naquilo que é contemporâneo de tôdas as épocas. Além do culto vivo à tradição, a Faculdade de Letras deve ser também o lugar onde os movimentos de vanguarda devem encontrar estímulos para os seus mais ousados experimentos. Até 1945, os movimentos de vanguarda partiam, geralmente, de escritores jovens, que sem nenhuma experiência literária derrubavam convenções e acabavam por impor seu gosto a toda uma geração.

Hoje, especialmente nos Estados Unidos, o maior apoio às vanguardas inteligentes (pois há também vanguardas de filisteus) tem suas bases nas universidades. Na Alemanha, o filósofo Max Bense, professor em Stuttgart, patrocina todo um programa de poesia nova, que já conta com adeptos até em nosso país. Segundo Max Bense, seria absurda a decisão de afastar os computadores dos jovens que desejam produzir uma poesia cibernética. Comentando as atividades do prof. Max Bense, diz Jacques Legrand:

“Bense vai mais longe, posto que considera a falsidade semântica como condição de informação estética, no qual reage contra a metáfora. Trata-se de criar, frente a textos reais, textos puramente nominais. De fato, o computador é o meio mais objetivo, mais incorruptível para criar textos: somente o texto cibernético pode ser pura materialidade textual no sentido do

texto em si, assim como está contido em Bolzano a frase de que é pura materialidade lógica o que diz, simplesmente, que uma coisa é ou não é, pouco importante que isso seja verdadeiro ou não”.

Os professôres de literatura não podem viver encerrados em círculos de idéias demasiadamente estreitas. Sua obrigação é observar a criação literária com olhos críticos. Analisando as obras poéticas sob este prisma, cêdo compreenderão por que a literatura está sempre mudando suas formas, por que tais formas são mudadas e quais o sentido da mudança. Verificarão que a história da literatura não deve ser ensinada aos estudantes de letras, especialmente agora, quando o que se deseja é conhecer valôres, signos, padrões e estruturas.

Os estudos literários também contribuem para a educação do gosto, especialmente agora quando êle é destruído pelos meios de comunicação coletiva. Quem negaria razão ao poeta norte-americano Alken Tate quando diz que o homem de letras — entre os quais deve ser incluído o professor de língua e literatura — tem como obrigação “propagar padrões através dos quais os outros homens possam pôr à prova a imagem do homem, distinguindo o falso do verdadeiro. “Mas no nosso próprio momento crítico diz êle, quando todos os idiomas estão sendo aviltados pelos meios de comunicação e pelas técnicas do contrôle de massas, o homem de letras fará bem em encarar a sua responsabilidade de ângulo mais estreito. Cabe-lhe uma responsabilidade imediata (aos demais homens não menos do que êle próprio) pela vitalidade da linguagem. Terá de distinguir a diferença entre a comunicação e a redescoberta da condição humana nas artes vivas. Terá que discriminar e defender a diferença entre a comunicação de massas, para contrôle dos homens, e o conhecimento do homem que nos é oferecido pela literatura para a participação humana”. Se os estudos literários se tornam deficientes, muitas coisas más buscam substituí-lo. É quando surgem prestigiados, mais do que os professôres, pelas próprias autoridades universitárias, o cronista superficial, o que faz literatura apenas para adquirir honrarias, a tal ponto que se fala mais hoje em honrarias do que na produção de obras de arte literárias. Quando a universidade se omite, o gosto pela

produção de obras de arte é substituído pelo gosto das honrarias. Mas em questão de honrarias, o dever de um professor de literatura é sempre *ser* e não *parecer*. Por isso, Camões já no século XVI tinha razão quando afirmou sobre essa questão de glórias mundanas:

*Mais vale merecê-las sem as ter
Que possuí-las sem as merecer.*

Para uma sistemática sócio-cultural dos estudos de desenvolvimento

TARCÍZIO QUIRINO

I

Um dos pontos que mais tem recebido contribuição para a compreensão do mundo e do homem atual é o estudo do desenvolvimento econômico. O que percebe, porém, o estudioso que se inicia na multiplicidade dessas contribuições, é que, à diversidade das posições e correntes, se junta o específico das abordagens dos diferentes ramos das ciências sociais, ambos ainda mais diversificados pelo emaranhado dos níveis e pela variedade dos prismas e das situações vivenciais que o assunto comporta estudar.

Este artigo procura discutir alguns pontos selecionados da problemática desses estudos, relacionando-os uns com os outros, de modo que facilite a compreensão das diferentes contribuições, possibilitando integrá-las com os demais estudos de desenvolvimento, de forma, se não sistemática, pelo menos esquemática.

Para quem pretende preocupar-se com um tema que faz parte da Sociologia do Desenvolvimento, um dos requisitos metodológicos iniciais é deixar claro as coordenadas teóricas do conceito geral de desenvolvimento econômico. Essa clareza é tanto mais importante, quanto mais o estudo dos fenômenos ligados ao desenvolvimento econômico está ainda em pleno processo de elaboração.

Sendo o desenvolvimento econômico, em primeiro lugar, objeto da ciência econômica, é natural que fôsse ela a primeira que se aplicou ao seu estudo. O recente aparecimento da